

Editorial

O objeto de estudo: Núcleo epistemológico de toda investigação científica

No coração de toda empreitada investigativa encontra-se um elemento essencial que determina seu rumo, profundidade e pertinência: o objeto de estudo. Defini-lo não é um ato trivial; pelo contrário, representa uma operação epistemológica decisiva, pois constitui a delimitação do fragmento da realidade que se deseja conhecer (Tamayo y Tamayo, 2006). Este elemento articula as perguntas, objetivos, categorias teóricas e métodos de uma investigação, e sua formulação adequada impacta diretamente na validade do conhecimento produzido.

Desde o pensamento clássico até as epistemologias contemporâneas, o objeto de estudo tem sido concebido de múltiplas maneiras. Segundo Bunge (2000), toda investigação científica deve partir da identificação precisa do problema ou fenômeno a estudar, com base em um marco conceitual rigoroso e coerente. Essa precisão exige distinguir entre o empírico-observável e o teórico-explicável, e requer uma atitude crítica que evite assumir os objetos como dados.

Na prática científica atual, especialmente nas ciências sociais e humanas, o objeto de estudo não só é construído, como também é constantemente reinterpretado em função de contextos dinâmicos. Morin (1990) sustenta que todo objeto de conhecimento é em si mesmo complexo, entrelaçado com múltiplas dimensões da realidade, e não pode ser reduzido a uma única variável ou causa. Essa visão complexa exige que o pesquisador supere visões reducionistas e adote uma lógica transdisciplinar.

De Sousa Santos (2009) propõe que a ciência deve reaprender a escutar os objetos a partir de uma perspectiva plural, reconhecendo as múltiplas formas de saber que dialogam com as realidades sociais. Assim, o objeto de estudo não é simplesmente um fenômeno a ser investigado, mas uma construção teórica com implicações éticas, políticas e culturais.

As perspectivas hermenêuticas e críticas complementam essa visão. Gadamer (1997) destaca o caráter interpretativo do conhecimento, ancorado em horizontes históricos e linguísticos do pesquisador e da realidade estudada. Na mesma linha, Habermas (1987) adverte sobre a necessidade de situar os objetos de estudo nos contextos de ação comunicativa, reconhecendo as relações de poder, dominação e consenso que atravessam toda prática científica.

Metodologicamente, Hernández, Fernández e Baptista (2014) recomendam que o objeto de estudo seja definido de maneira clara, delimitando variáveis ou dimensões específicas que possam ser observadas, medidas ou interpretadas, segundo a abordagem adotada. Essa clareza não implica rigidez, mas deve coexistir com a flexibilidade interpretativa que requer todo processo investigativo autêntico. Guba & Lincoln (1994) argumentam que os objetos de estudo nas ciências sociais são construídos intersubjetivamente, e sua compreensão demanda diálogo e negociação entre os atores implicados na investigação.

Por fim, Lakatos (1978) e Kuhn (1962) coincidem em que a ciência progride a partir de redefinições dos objetos de estudo, condicionadas por mudanças paradigmáticas, programas de investigação e contextos sociais. Nesse sentido, as revistas científicas, como espaços de circulação do saber, cumprem um papel fundamental ao promover reflexões atualizadas sobre os objetos



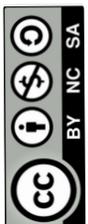
de investigação, entendendo-os como construções dinâmicas onde se cifram não só o quê, mas também o para quê e o como da ciência. Dussel (1994) adverte que o objeto de estudo também reflete as prioridades ético-políticas da sociedade, e Popper (1972) lembra que todo objeto é revisável e aperfeiçoável à luz de novas evidências.

Esse propósito adquire especial relevância no contexto contemporâneo, caracterizado pela aceleração tecnológica, pela complexidade dos fenômenos sociais e pela crescente interdependência global. As revistas científicas não apenas documentam e disseminam o conhecimento produzido, como também contribuem para a construção de comunidades epistêmicas que dialogam sobre os grandes desafios atuais. Em particular, as revistas interdisciplinares têm a responsabilidade de visibilizar a diversidade de enfoques, métodos e objetos de estudo, propiciando espaços onde os diferentes olhares possam se complementar e enriquecer o debate. A formação de pesquisadores críticos e comprometidos depende em grande medida da disponibilidade de publicações que ofereçam marcos conceituais atualizados e estudos de caso que ilustrem as tensões e potencialidades dos processos investigativos.

Nesse sentido, a presente edição da nossa revista busca contribuir para essa tarefa coletiva, ao reunir uma série de investigações que evidenciam a riqueza e complexidade dos objetos de estudo abordados por docentes, pesquisadores e profissionais de distintas áreas. Cada contribuição reflete o compromisso de repensar os processos formativos, científicos e sociais a partir de um olhar interdisciplinar, contextualizado e crítico.

Os temas que se apresentam nesta edição são:

- *Competências científicas e investigativas estudiantis a partir de uma perspectiva interdisciplinar no ensino médio geral*, por Carmen Eloísa Sánchez Molina.
- *Dizeres e fazeres: compreensibilidade da significação dos saberes nos docentes em relação à leitura e à escrita na educação rural colombiana*, por Adrián Filiberto Contreras Colmenares e Alba Lucía Barajas Lizcano.
- *Dimensão material e normativa do sistema e do direito internacional (SI-DI)*, por Iván Agustín Cevallos Zambrano.
- *Educomunicação: enfoque dialógico para inovar a prática docente*, por Delmy Janeth Andrade Oviedo, Lisset Márquez Martínez e Jorge Miguel Quevedo Borrero.
- *Educação a distância: plataformas digitais e autonomia do aluno do século XXI*, por Custódio Cazenga Francisco.
- *Integração das TIC no ensino transdisciplinar no ensino superior*, por Juan Acacio Rosales Vivas.
- *Influência das tecnologias da informação e comunicação no processo de formação profissional universitária*, por Ezequiel Landinez Blanco.
- *Revisão curricular no ensino superior e suas implicações na qualidade docente: desafios*



para o ensino universitário, por Mário Adelino Miranda Guedes.

- *Implementação da inteligência artificial: uma estratégia para o planejamento e avaliação da aprendizagem*, por Sergio Alberto Mejía Rivera.
- *Evasão escolar, estratégias de acesso e permanência nas instituições educacionais oficiais de Tunja*, por Jorge Fernando Vargas Cruz.
- *Sistema de indicadores de qualidade: avaliação da formação investigativa no ensino superior da Nicarágua, 2021-2023*, por Jossarys Gazo Robles.
- *Desafios do professorado ao guiar aprendizagens competitivas em saberes distintos de sua especialidade*, por Mayra Daniella Escobar Rivas.

Cada um desses trabalhos nos lembra que o objeto de estudo não é uma entidade estática, mas uma construção que deve ser problematizada e redefinida em função das transformações sociais, tecnológicas e educacionais do nosso tempo. Convidamos nossos leitores a percorrerem estas páginas com um olhar crítico e reflexivo, certos de que encontrarão nelas valiosas contribuições para a construção coletiva de saberes pertinentes, rigorosos e comprometidos

Referências

- Bunge, M. (2000). *La investigación científica: su estrategia y su filosofía*. Siglo XXI Editores.
- De Sousa Santos, B. (2009). *Una epistemología del sur*. CLACSO.
- Dussel, E. (1994). *El encubrimiento del Otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. Nueva Visión.
- Gadamer, H.-G. (1997). *Verdad y método*. Sígueme.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). *Competing paradigms in qualitative research*. Sage.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa*. Taurus.
- Hernández, R., Fernández, C., y Baptista, P. (2014). *Metodología de la investigación* (6.ª ed.). McGraw-Hill.
- Kuhn, T. (1962). *La estructura de las revoluciones científicas*. Fondo de Cultura Económica.
- Lakatos, I. (1978). *La metodología de los programas de investigación científica*. Alianza Editorial.
- Morin, E. (1990). *Introducción al pensamiento complejo*. Gedisa.
- Popper, K. (1972). *La lógica del descubrimiento científico*. Tecnos.
- Tamayo y Tamayo, M. (2006). *El proceso de la investigación científica*. Limusa.

Dr. Omar Escalona Vivas
<https://orcid.org/0000-0003-2560-0339>

